

LICÃO Nº 8 – O MINISTÉRIO DE EVANGELISTA

Subsídio sendo elaborado por
Inacio de Carvalho Neto,
atualizado constantemente até 22/05/2021.
E-mail do autor: ibcneto@inaciocarvalho.com.br.

Comentários iniciais:

- Em primeiro lugar, precisamos distinguir o Ministério de Evangelista, objeto desta lição, do cargo de Evangelista, comum nas Assembleias de Deus, mas também em outras igrejas.

- O cargo de Evangelista faz parte da estrutura funcional da igreja, estrutura esta que é hierarquizada (Cooperador, Diácono, Presbítero, Evangelista e Pastor, em ordem crescente de importância, como é o costume das Assembleias de Deus). Não há nada de errado nessa estrutura. Toda instituição precisa ter uma estrutura hierárquica para seu bom funcionamento. E cada instituição organiza a sua estrutura como melhor lhe aprouver.

- Mas é preciso deixar claro que essa estrutura não se confunde com os dons ministeriais, de que estamos tratando neste trimestre. Estes dons estão evidenciados no texto de Paulo aos Efésios: “E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores” (Ef. 4.11).

- Aqui nós temos dons, não cargos. São dádivas divinas (“ele mesmo deu”) para o aperfeiçoamento da igreja, para servir aos santos e promover o crescimento da obra de Deus.

- Note-se que Paulo coloca os dons ministeriais em ordem: apóstolos, profetas, evangelistas e pastores/doutores. Essa ordem não é casual, ela reflete a ordem em que se dá a edificação da igreja. Os apóstolos em primeiro lugar, pois eles são o fundamento do edifício de Deus, que é a igreja (ler, nesta ordem: Ef. 2.20; 1Co. 3.9). Os profetas em segundo lugar, como um complemento do fundamento, pois eles fazem recordar os ensinamentos do Senhor e aplicar as Escrituras à realidade de cada membro.

- Depois dos profetas, os Evangelistas, que são usados para pregar a Palavra no intuito de ganhar almas para o reino de Deus. A instituição deste ministério em terceiro lugar revela que a prioridade da igreja é atingir o mundo, levar as boas novas da salvação. A igreja deve estar voltada para o mundo, não pode fechar-se em si mesma.

- Em 1Co. 12.28 Paulo repete em parte esta lista, deixando mais claro que a ordem é proposital: “E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente, apóstolos, em segundo lugar, profetas, em terceiro, doutores...”.

- Então, que fique claro desde o início que nesta lição estaremos tratando do dom ministerial de Evangelista, não do cargo de Evangelista. Este dom pode ser dado por Deus a qualquer crente, independentemente do cargo que ele ocupe na estrutura da igreja. Deus pode dar o dom de Evangelista para um Pastor, para um Evangelista, para um Presbítero, para um Diácono, para um Cooperador, ou mesmo para um membro da igreja que não ocupe qualquer cargo na estrutura da igreja.

- Em segundo lugar, devemos deixar claro também que a missão de pregar o Evangelho não é exclusiva de quem tem o dom ministerial de Evangelista. Ao contrário, a missão é de toda a igreja.
- A chamada “Grande Comissão” (notar que a igreja tem um “Grande Mandamento”, que é amar, e uma “Grande Comissão”, que é pregar o Evangelho) é dirigida a toda a igreja (Mt. 28.19-20; Mc. 16.15; At. 1.8), não para apenas alguns dos seus membros.
- Observar nestes textos que os verbos estão no modo imperativo, denotando ordens, não apenas recomendações, desejos ou pedidos. Deus ordenou à igreja que pregasse o Evangelho. É uma comissão, portanto, uma relação vertical, de cima para baixo. Este é o propósito da igreja na Terra. É uma ordem, mas é também uma grande honra para cada um de nós participar da missão de Deus de salvar o mundo.
- Deus quis que os homens fossem salvos pela “loucura da pregação” (1Co. 1.21). Por isso é indispensável que haja a pregação do Evangelho para que as pessoas se salvem (“Como, pois, invocarão aquele em quem não creram? E como crerão naquele de quem não ouviram? E como ouvirão, se não há quem pregue?” – Rm. 10.14).
- No episódio da salvação de Cornélio fica bem claro que só a igreja pode pregar o Evangelho. Deus mandou um anjo para mandar a Cornélio que chamasse Pedro para lhe pregar o Evangelho (At. 10.3-6). Notem que o anjo não pregou; era necessário que viesse um membro da igreja para lhe pregar.
- A igreja primitiva entendeu isso bem claramente, e cumpriu o mandamento divino ao pé da letra (At. 8.4; 11.19-21).
- Isso não significa que todo crente tem que sair por todo o mundo pregando o Evangelho. Mas cada crente tem esta obrigação na medida, na forma e no lugar que Deus determinar. Assim como Pedro foi chamado para pregar aos judeus e Paulo, aos gentios (Gl. 2.8), assim como a Pedro foi permitido pregar na Bitínia (1Pe. 1.1) e a Paulo foi proibido fazê-lo (At. 16.7), também nós somos chamados, cada um, a pregar a um público diferente, em um lugar diferente, de um modo diferente. Mas o certo é que todos são chamados a pregar o Evangelho.
- Infelizmente, hoje em dia, a maioria das igrejas perdeu este foco. Criou-se nas igrejas o “Departamento de Evangelismo”, que passou a ficar encarregado da evangelização, e os crentes passaram a deixar essa missão exclusivamente para esse Departamento.
- Convém citar, a este propósito, as oportunas palavras do Pr. José Welington Bezerra da Costa, então presidente da Convenção Geral das Assembleias de Deus do Brasil (CGADB), escritas em 2006: “Com o crescimento da Igreja, até certo ponto inesperado, houve também um volume considerável de atividades administrativas que, em regra geral, consomem a maior parte do tempo do pastor. Com isso, a administração dos números assumiu posição de prioridade, enquanto que a evangelização passou a ser tarefa de um grupo isolado da igreja local, geralmente chamado de ‘Departamento de Evangelismo’. Esse ‘departamento’ é que planeja e executa o evangelismo nos fins de semana, uma vez no mês, e, pasmem, algumas igrejas só tratam desse assunto durante os congressos de mocidade, anualmente (!). O que deveria ser tarefa diária de todos os crentes sob a liderança do pastor, passou a ser feita periodicamente, por uns poucos. Evidentemente, tratamos de exceções que, todavia, tendem a crescer” (COSTA, José Wellington Bezerra da. Como ter um ministério bem-sucedido, p.181-182).
- Então, se a missão de evangelizar é de toda a igreja, para que serve o dom ministerial de Evangelista concedido a apenas alguns? Simples: estes a quem é dado o dom serão os líderes da

igreja na missão de evangelizar; eles serão os primeiros, os que vão na frente da igreja, incentivando e liderando a execução da missão.

- O Evangelista é aquele que foi escolhido por Deus para dirigir a busca de almas para o reino de Deus. Então, ele é apenas o que dirige a missão, não é pra ele fazer a missão sozinho. É alguém posto pelo Senhor para se dedicar ao crescimento quantitativo do reino de Deus, mediante a pregação do Evangelho, com o fim de buscar almas para o reino de Deus.

- A necessidade do Evangelista foi bem demonstrada pelo comissionamento que Jesus fez a 70 de Seus discípulos, que não eram dos 12 apóstolos, para que fossem pregar entre as ovelhas perdidas da casa de Israel (Lc. 10.1-24).

- O texto de Lc. 10 já começa mostrando que Jesus comissionou “outros” setenta; a palavra grega aqui é *heteros*, indicando que se trata de pessoas diferentes dos doze mencionados no capítulo 9.

- Além disso, a missão desses 70 também seria diferente da missão dos 12: pregar nos lugares onde Ele havia de ir (Lc. 10.1), ao passo que os 12 foram enviados aos lugares onde Jesus não iria. Portanto, o Evangelista é alguém que prepara o caminho do Senhor, que vai antes do próprio Cristo.

- Figurativamente, diz-se que cada ministério é comparado a um dos dedos das nossas mãos. O Evangelista é comparado ao dedo médio da mão, que, por ser o dedo mais comprido, é aquele que chega antes dos demais.

- Ao comissionar esses 70, Jesus também impõe um dever a cada um de Seus servos: o de rogar ao Senhor da seara pra que envie obreiros para a Sua seara (Lc. 10.2), o que deixa claro que o número de Evangelistas é sempre menor do que o necessário, já que a obra é muito grande.

- De fato, se pensarmos que apenas 1/3 do mundo atualmente se encontra evangelizado, vemos o quão grande é a nossa tarefa na evangelização do mundo. Ainda mais na situação em que vivemos, de “pós-cristianismo”, onde nações que antes foram baluartes da evangelização mundial (ex: Inglaterra e EUA) estão vivendo em franca decadência espiritual.

- O Evangelista deve ter extremo amor pelas almas, à semelhança de Jesus Cristo, que tanto amou os homens que Se despiu de Sua glória para vir pregar o Evangelho entre nós.

- O Evangelista precisa também ser desprendido das coisas materiais. Ao comissionar os 70, Jesus disse-lhes para não levarem bolsa, alforje ou alparcas, ou seja, para não se preocuparem com o sustento material, que seria provido por Deus.

- Mas, por outro lado, a igreja precisa saber que é necessário sustentar esse obreiro, dando-lhe condições dignas para que leve a mensagem da salvação.

- Na atualidade, infelizmente, há dois extremos que têm trazido grande prejuízo à obra de evangelização. O primeiro extremo é o surgimento de mercenários, pessoas que se dizem evangelistas, mas apenas buscam enriquecer e ter uma vida regalada à custa de “eventos evangelísticos” ou mesmo de ofertas que as igrejas costumam dar a quem vem de fora para pregar. São pessoas que só se dispõem a “pregar o Evangelho” se forem bem remuneradas; ficam andando de igreja em igreja em busca de ofertas (às vezes até explicitamente cobrando para pregar).

- O segundo extremo é o comportamento de algumas igrejas que se recusam a sustentar os Evangelistas, dando a desculpa de que “Deus proverá”. Jesus deixou claro aos 70 que eles deveriam

comer e beber na mesma casa em que ficassem (Lc. 10.7). Essa “mesma casa” é a igreja local que envia e deve sustentar o Evangelista, pois “digno é o obreiro do seu salário” (Lc. 10.7).

- Pior ainda é a situação da igreja envia o Evangelista, comprometendo-se com o seu sustento e, depois de algum tempo, deixa de fazê-lo, largando-o à própria sorte.

- Além do sustento, o Evangelista precisa ser acompanhado pelas orações dos demais crentes, porque vai atuar em território inimigo, vai ser alvo das hostes espirituais da maldade como ninguém.

- Mas a função do Evangelista não se encerra apenas com a pregação da Palavra de Deus. Ela compreende também o “fazer discípulos”, ou seja, discipular, ensinar. Portanto, o discipulado está também incluído na Grande Comissão. Vejam os exemplos de Filipe (At. 8.5-13) e Paulo (At. 11.26; 13.48-49).

- Notem, por fim, que Jesus foi o primeiro Evangelista (Mc. 1.14-15). Devemos seguir os Seus passos.

Texto Áureo:

2Tm. 4.5

5 Mas tu sê sóbrio em tudo, sofre as aflições, faze a obra de um evangelista, cumpre o teu ministério.

Texto da Leitura Bíblica em classe:

At. 8.26-35; Ef. 4.11

At. 8

26 E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto.

- As visitas dos anjos são consideradas contatos divinos. Neste caso, o anjo forneceu certas orientações a Filipe; porém, nos vss. 29 e 39, vemos que quem deu tais orientações foi o Espírito Santo. O mesmo fenômeno se repete em At. 10.3,29. (ver At. 23.8, onde “anjo” e “espírito” são sujeitos que os saduceus geralmente negavam como realidades vivas).

- Alguns intérpretes supõem que há aqui uma substituição entre os termos anjo e Espírito, e que o anjo referido é o mesmo Espírito Santo. O mais certo, entretanto, é que o anjo seja encarado neste episódio como instrumento do Espírito de Deus. Todavia, segundo o pensamento judaico, não haveria qualquer contradição nessa maneira de tratar o anjo, pois este é equiparado ali com a própria presença de Deus. As visitas angelicais proviam orientação, e isso era reputado como a mesma coisa que a presença divina real (ver o trecho de At. 7.30, que alude ao anjo na sarça ardente, ao passo que, em Ex. 3.20 é o Deus Altíssimo, *Yahweh*, quem fala com Moisés da sarça). Assim sendo, o contacto com um anjo é considerado um contacto genuíno com Deus, porquanto o anjo traz a presença divina aos homens, em termos e condições que eles podem suportar e compreender (ver Jz. 13.21-22, onde a visão de Manoá e sua esposa, ao contemplarem o anjo que lhes apareceu, é equiparada à visão de Deus. Nesse caso, na opinião de alguns estudiosos, o anjo seria o mesmo *Logos* eterno, ou seja, Cristo preencarnado.

- O ministério dos anjos (ver Hb. 1.4) transcende àquilo que os homens podem conhecer por meio da percepção dos sentidos. Esse é um dom de Deus.

- O ministério dos anjos, como o caso registrado nesta passagem, implica necessariamente o teísmo, em contraste com o deísmo. O primeiro ensina que Deus não somente criou, mas também continua interessado por sua criação, mantém contacto com a mesma e tanto pune como galardoa aos homens. Em contraste com isso, o segundo ensina a existência de Deus, de um deus, de deuses, de alguma força cósmica qualquer que teria sido o criador; mas assevera que tal deus ou deuses não tem qualquer interesse por sua criação, nem se fazem presentes na mesma, direta ou indiretamente, não punindo e nem galardoando, conseqüentemente, aos homens. (quanto a várias notas expositivas concernentes à natureza de Deus, ver At. 17.27; quanto às provas básicas da existência de Deus, racionais e empíricas, ver Rm. 1.20).

- A versão da Septuaginta (tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, feita cerca de duzentos anos do cristianismo) usa a expressão “para a banda do Sul” a fim de indicar tanto a passagem do tempo como certas relações espaciais, isto é, “meio-dia”; mas o mais provável é que a ideia espacial esteja em foco neste caso. O trecho de At. 22.6, entretanto, usa essa expressão em seu sentido de tempo, sendo a única outra passagem em que tal expressão ocorre no Novo Testamento.

- O trecho de Sf. 2.4 encerra curiosas coincidências verbais com este versículo, na menção de Gaza e na expressão concernente ao tempo. O v. 27 deste mesmo capítulo tem outro paralelo com Sofonias; e o v. 39 com Sf. 3.4. Outrossim, muito se assemelha a história aqui registrada com a de Elias, em 1Rs. 18.12 e 2Rs. 2.16-17. Por causa disso, alguns têm pensado que a narrativa de Lucas foi criada por ele, tendo usado algumas passagens do Antigo Testamento. Porém, é muito mais provável que os acontecimentos aqui descritos tenham verdadeiramente ocorrido, embora a linguagem tenha, talvez, sido colorida por reminiscências do Antigo Testamento.

- A antiga Gaza era chamada Deserto de Gaza, tendo sido destruída pelo rei hasmoneano Alexandre Janeu, em 93 A.C. Em 57 A.C., Gabínio, governador romano, fundou a nova cidade de Gaza, um tanto mais próxima do mar Mediterrâneo. Alguns arqueólogos e historiadores localizam o local do batismo do eunuco etíope a cerca de três quilômetros ao norte de Azoto, perto do cômodo da cidade de Asdode, dos filisteus. Ali fica o único lugar onde havia água potável naquela porção da rota das caravanas que levava a Gaza. Em tempos antigos, Gaza fora uma cidade fortificada, que resistira a Alexandre o Grande por nada menos de cinco meses. Foi novamente destruída pelos romanos, depois que começou a guerra destes com os judeus, em cerca de 70 D.C. Gaza era uma das cinco principais cidades da Palestina (quanto às histórias do Antigo Testamento, associadas com Gaza, ver os trechos seguintes: Dt. 2.23; Gn. 10.19; Js. 10.41; 11.21-22; 13.3; 15.47; Jz. 1.18; 16.1-3,21-31; Jr. 47.1; Am. 1.6-7 e Sf. 2.4 e 9.5).

- É bem provável, embora não seja certo, que a antiga cidade de Gaza seja atualmente representada por Tell El-Ajjul, a cerca de quase quatro quilômetros da costa do Mediterrâneo. O arqueólogo Flinders Petrie escavou ali de 1930 a 1934 e descobriu cinco níveis distintos de ocupação humana, as primeiras quatro camadas pertencentes à Idade do Bronze Média, e a quinta pertencente à Idade do Bronze Posterior (3000 A.C. - 1000 A.C.).

- O novo local, fundado por Gabínio, governador romano, que fica mais próximo do Mar Mediterrâneo, também tem sido explorado pela arqueologia; porém, sendo uma localidade ocupada hoje em dia, não têm sido muito satisfatórios os resultados obtidos nessas escavações.

- Gaza era aldeia que ficava cerca de quatro quilômetros da beira-mar; era a última cidade pela qual passavam os viajantes que iam da Fenícia ao Egito, e ficava na entrada do deserto, de conformidade com a narrativa dada por Adriano.

- Vemos neste episódio a providência de Deus. Havia diversos caminhos que um caminhante podia tomar ao ir de Jerusalém a Gaza. O caminho pelo qual Filipe foi dirigido passava pelo deserto, sendo, por isso mesmo, um caminho ermo. Alguns estudiosos imaginam que “deserto”, neste caso, refere-se à Gaza como cidade destruída, mas essa possibilidade é muito remota. Mas é que o eunuco etíope retornava de Jerusalém por aquele caminho, sendo que também a orientação do Espírito Santo levava Filipe a encontrar-se fatalmente com esse homem. Isso nos permite ver como Deus determina até mesmo os acontecimentos corriqueiros da nossa vida diária, a fim de produzir aquilo que está de acordo com os seus desígnios. O fato de haver essa orientação, esse desígnio e esse destino divinos em nossas vidas serve, para nós, de grande consolo e encorajamento; pois, através dessa ideia, podemos negar, com toda a razão, que as coisas sucedem em nossas vidas por mero acaso; pelo contrário, podemos afirmar que Deus se interessa por tudo quanto nos acontece — certamente um firme alicerce para o consolo e a esperança, tanto para esta existência terrena como para toda a eternidade.

- Como dizia Calvino, embora tal coisa não seja claramente expressa, contudo, todos os mandamentos de Deus contêm uma promessa oculta, de que tanto quanto obedecermos a ele, toda a obra em que pusermos as mãos terá bom êxito (no tocante à providência de Deus, ver Jo. 7.6; 11.4 e At. 7.9-10).

27 E levantou-se e foi. E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros e tinha ido a Jerusalém para adoração,

- O etíope, como é evidente, era um alto oficial, isto é, o tesoureiro real da corte da rainha etíope, Candace. Na antiguidade não era raro que um eunuco, que costumeiramente era guardião de algum harém, chegasse a uma posição de elevada autoridade.

- As tradições históricas que circundam a sua pessoa, dizem que ele veio a pregar o evangelho em Ceilão e na Arábia, bem como na ilha de Traprobana, no mar Vermelho, até que, finalmente, sofreu o martírio. Porém, nada se pode dizer com certeza quanto à validade dessa tradição.

- Sendo impedido de participar plenamente dos ritos religiosos do judaísmo, por causa de sua mutilação física (ver Dt. 23.1), mui provavelmente ele era o que se chamava “prosélito da porta”, isto é, um gentio convertido ao judaísmo, que não participava plenamente do mesmo. Esse termo pode indicar um convertido residente na Judéia, ou seja, “dentro das portas”, mas que, apesar disso, não era obrigado a obedecer totalmente à lei mosaica. A literatura rabínica reputava como alguém pouco melhor do que um pagão ordinário, embora algumas passagens se refiram, em termos mais elevados, a essas pessoas.

- Tais prosélitos não eram obrigados a passar pelo rito da circuncisão, mas tinham tão-somente de obedecer aos chamados sete preceitos de Noé, ou seja, a lei em sua forma mais primitiva, que os judeus imaginavam que teria sido dada a Moisés: 1) A proibição da idolatria; 2) da blasfêmia; 3) do derramamento de sangue; 4) da sensualidade; 5) do roubo; 6) a necessidade de obediência às autoridades; e 7) a proibição de consumo de sangue. Porém, não se há de duvidar que isso fazia parte das teorias rabínicas e suas distinções, ao passo que o Novo Testamento não estabelece quaisquer distinções sutis entre os convertidos. Todavia, as distinções existentes no judaísmo eram perfeitamente reais e obrigatórias.

- Os prosélitos justos, por outro lado, pertenciam àquela categoria dos que se tomavam judeus por religião, sendo batizados e circuncidados, aos quais também era requerido que observassem toda a lei mosaica, como qualquer judeu, tanto a moral como a cerimonial. Já os prosélitos da porta eram proibidos de estudar a lei, sob pena de morte; por igual modo, não podiam reivindicar os privilégios legais dos israelitas, tais como as leis sobre as propriedades e a redenção dos primogênitos. Em contraste com isso, os prosélitos justos não diferiam nisso, em coisa alguma, dos israelitas nativos.

(Quanto a uma discussão concernente à pessoa do eunuco etíope, ver as notas de introdução ao versículo anterior. Quanto à questão de ser ele prosélito do judaísmo, ver essa mesma secção).

*...*eunuco*...» Um homem castrado. Grande número de autores antigos testifica sobre essa prática brutal, em varias regiões do mundo antigo. Josefo revela que as cortes de Herodes eram frequentemente servidas por eunucos, e também é verdade que os reis de Juda e de Israel, copiando seus vizinhos pagãos, empregavam os serviços de eunucos, em seus haréns reais. (Ver II Reis 9:32 e Jer. 41:16). A lei de Moisés (ver Deut. 23:1) excluía os eunucos do culto público, provavelmente porque essa e outras práticas, que envolvem mutilações, eram praticadas no paganismo, como parte da reverenda prestada aos deuses pagãos. O evangelho de Cristo, entretanto, rejeita a todos esses preconceitos e limitações, conforme fica bem ilustrado nesta narrativa.

Heródoto menciona que os eunucos eram muito procurados nos países do oriente, por serem pessoas dignas de confiança (Her. viii.105), e algumas vezes a própria palavra «eunuco» indicava um oficial, sem nenhuma vinculação com a castração. A história antiga mostra-nos que não era incomum confiarem-se elevados cargos aos eunucos, tal como este tesoureiro da rainha Candace.

Havia três tipos de eunucos, a saber: 1. Aqueles que nasceram tais, por motivo de algum defeito congênito. Segundo o Talmude Babilônico, dos judeus, esses eram chamados «eunucos desde que viram o sol», isto é, desde o momento do nascimento. 2. Os que se tornavam eunucos por terem sido mutilados pelos homens. 3. Os eunucos espirituais, isto é, aqueles que se negavam os prazeres sexuais visando propósitos espirituais, que podiam ser castrados ou não.

Orígenes, um dos primeiros pais da igreja cristã, castrou a si mesmo, literalmente, a fim de melhor poder servir ao reino de Deus. Outros devotavam todo seu tempo e energia a Deus, nada lhes restando para as funções naturais do corpo; estes com razão poderiam ser designados de eunucos espirituais. (Ver as palavras do Senhor Jesus quanto a essa questão, em Mat. 19:12). O judaísmo não teria encarado com aprovação esse terceiro tipo; e esse é um dos pontos onde o Senhor Jesus e o apóstolo Paulo se afastaram da doutrina judaica ordinária. (Ver as explanações de Paulo a respeito, no sétimo capítulo de sua primeira epistola aos Coríntios).

«...*Candace*. ..» O eunuco etíope era o tesoureiro da rainha Candace, título esse muito similar ao de «Faraó», não sendo nome pessoal de uma pessoa. Varias pirâmides tumulares, de Candaces reinantes da Etiópia, tem sido identificadas, cujas datas variam de 300 A.C. a 35 D.C. Esses túmulos estão localizados em Meroe, no Sudão Anglo-Egípcio, ao norte de Cartum. Quanto a confirmações a rainhas reinantes, que eram portadoras desse título de Candace, ver as Pseudocalistenes (iii.8), Estrabão (xvii. 820), e Plínio (Historia Natural vi. 186).

«...*etíope*...» Os etíopes do N.T. não eram ancestrais dos etíopes modernos, ou abissínios, os quais, etnológica e linguisticamente são semitas; pelo contrario, eram antes uma raça núbias, que habitava na região do rio Nilo, ao sul do Egito propriamente falando. A Etiópia antiga foi primeiramente povoada por descendentes de Cuxe (ver Gen. 10:6) e fazia parte do reino da Nubia, que se espraiava desde Assuam, na direção do sul, ate a junção do Nilo. perto da moderna cidade de Cartum. Por quase quinhentos anos esse povo foi governado pelos egípcios, a começar pela 18ª dinastia, em cerca de 1500 A.C., através de um vice-rei, o qual governava o império africano, controlava os exércitos da África e dirigia as minas de ouro da Nubia. No século IX A.C., o rei Asa, de Juda, derrotou os etíopes em uma batalha, conforme lemos em II Cro. 14:9:15.

O clímax da glória desse povo ocorreu quando, aproveitando-se dos conflitos intestinos do Egito, tornaram-se o seu primeiro conquistador no período de mil anos (dinastia XXV), passando a

controlar o vale do Nilo. Um dos monarcas dessa época, Tiraca, evidentemente era aliado de Hezequias, e ajudou a impedir a invasão de Israel pelas tropas de Senaqueribe. (Ver II Reis 19:9 e Isa. 27:9). Mas, finalmente, ruiu por terra o poder etíope, mediante as invasões assírias dos tempos de Esar-hadom e Assurbanipal. A capital, Tebas, foi destruída (663 A.C.; Naum 3:8-10), e isso cumpriu as profecias de Isaías concernentes à ruína dos etíopes (ver Isa. 20:2-6). A conquista do Egito, por Cambises, pôs a Etiópia dentro da órbita persa (ver Est. 1:1). A passagem de Est. 8:9 nomeia a Etiópia como a mais remota província persa do sudoeste. Outros escritos bíblicos empregam simbolicamente esse nome, para referir-se a extensão ilimitada do senhorio de Deus. (Ver Sal. 87:4; Eze. 30:4; Amos 9:7 e Sof. 2:12).

Neste trecho do livro de Atos, essa designação se refere ao reino nilótico de Candace, cujo centro era Meroe, para onde a capital fora transferida durante o período de dominação persa, segundo foi aludido acima. Os etíopes modernos (ou abissínios), entretanto, apropriaram-se para si mesmos essa narrativa do oitavo capítulo do livro de Atos, como se os primórdios do ministério do evangelho, entre os seus antepassados, tivesse origem nesse episódio; e consideram a conversão do eunuco etíope como cumprimento da passagem de Sal. 68:31.

O primeiro ato do primeiro concílio ecumênico, realizado em Nicéia (Cone. Nic. canon 1), foi o de admitir a plenos privilégios, na igreja cristã, incluindo a participação no ministério os eunucos que não tivessem mutilado a si mesmos, mas que haviam sido vítimas dessa prática. Isso foi feito para crédito dos membros desse concílio; que agiram conforme o espírito do N.T. ao assim se pronunciarem.

No que diz respeito à Etiópia em geral, o arqueólogo Rawlinson tem a dizer o seguinte: «Os monumentos comprovam, acima de qualquer dúvida, que os etíopes tomaram por empréstimo do Egito tanto a sua religião como os seus hábitos de civilização. Chegaram mesmo a adotar o egípcio como idioma da religião e da corte real, o que continuou até ruir o poder dos Faraós, quando seu domínio se confinou novamente até as fronteiras com a Etiópia. Foi através do Egito, igualmente, que passou o cristianismo para a Etiópia, o que ocorreu dentro do próprio período apostólico, como se demonstra pela história do eunuco da rainha Candace».

28 regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías.

- O eunuco vinha lendo em voz alta, segundo era bastante comum entre os orientais. Isso foi uma das coisas que atraiu a atenção de Filipe, embora talvez houvesse recebido outras orientações da parte do Senhor.

- Estando o eunuco etíope em Jerusalém, mui provavelmente adquirira um rolo das profecias de Isaías; e isso pode ter-lhe custado uma boa soma em dinheiro, pois, depois dos papiros do mar Morto, seria a porção mais antiga que poderíamos encontrar do Antigo Testamento.

- Entretanto, o rolo, sem dúvida alguma, fora escrito em grego, pertencente à versão da Septuaginta, e não em hebraico (ver o v. 32 deste capítulo). A versão da Septuaginta foi originalmente traduzida em Alexandria, no Egito; cópias podiam ser encontradas a vontade naquele lugar, bem como na maior parte das cidades do mundo civilizado de então.

- As circunstâncias de que estivera em Jerusalém e vinha lendo as Escrituras indicam-nos que, mui provavelmente, ele era prosélito do judaísmo, em qualquer de suas categorias (ver comentários ao v. 27 acima).

- Não satisfeito com o ritual estéril de que participara, procurava aliviar o tédio da viagem de volta para casa lendo as Escrituras. Porém, isso não é tudo, pois visto que Filipe ‘ouviu-o a ler o profeta Isaías, deve ter estado a ler em voz alta; e embora fosse costumeiro, conforme se verifica até hoje, no oriente, ler-se em voz alta, a probabilidade maior é que ele não lia exclusivamente para o seu próprio benefício, mas também para quem lhe dirigia a carruagem.

- O eunuco viera para adorar, e grande era também o seu desejo de aprender, o que nos deixa entrever novamente a sua piedade. Porém, embora não compreendesse, lia; e, depois da leitura, examinava.

- Alguns estudiosos opinam que o eunuco lia o rolo de Isaías porquanto, em Jerusalém, teria ouvido diretamente a alguns cristãos; ou talvez tivesse ouvido falar a seu respeito, indiretamente, sobre como a nova religião via naquele livro profecias sobre Jesus, o Cristo. Não temos meios para averiguar a exatidão disso tudo, mas há possibilidade de que teria sido natural para o Espírito Santo prepará-lo para o seu encontro com Filipe. Isso serve para ilustrar, uma vez mais, como coisa alguma acontece por acaso, mas antes, como a providência divina guia as nossas vidas (ver a propósito os comentários ao v. 26, acima, como também os trechos de At. 7.9-10; Jo. 7.6 e 11.4).

- Mestres da Bíblia são enviados a instruir aqueles que buscam realmente conhecer a verdade. Ele fora a Jerusalém a fim de adorar; havia tirado algum proveito desses exercícios religiosos e até mesmo viajando aproveitava o tempo. Deus percebeu sua simplicidade e intensidade, e proveu para ele um instrutor, que pudesse conduzi-los às verdades mais profundas do evangelho, e que, não fora tal instrutor, jamais poderia ter entendido sozinho. Muitos, após terem cumprido o seu dever, segundo o chamam, de frequentar um lugar qualquer de adoração, esquecem-se do motivo que os levara até ali, e passam o seu tempo, na volta, em conversações tolas, ao invés de lerem ou conversarem acerca da Palavra de Deus. Não é de admirar, por conseguinte, que tais indivíduos vivam sempre a aprender, sem jamais chegarem ao conhecimento da verdade. Essa observação também nos faz lembrar do fato de que mestres e instrutores são enviados àqueles que buscam sinceramente a verdade, quando deles necessitam para seu progresso nas coisas espirituais. Deus recompensa aqueles que o buscam, e não os deixa destituídos da expansão de seu conhecimento e de sua experiência espirituais.

29 E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a esse carro.

- Dois homens em um deserto; um encontro aparentemente ao acaso. Aconteceram coisas que eram corriqueiras e obviamente comuns. Mas Deus estava com eles, e destinos estavam sendo determinados.

- Um dos homens lia as Escrituras; o outro as entesourara em seu coração. Acontecem coisas notáveis quando os homens dão valor as Escrituras.

- Um dos homens precisava receber instrução; o outro possuía o conhecimento necessário à instrução eficaz. Isso está à disposição do leitor, se este tiver zelo suficiente, para desenvolver-se pessoalmente. A quantos deveríamos ensinar o caminho da verdade e da retidão? Quantos têm esperado em vão por nossa visita?

- Este versículo também ilustra a verdade do determinismo divino, o que, de um ponto de vista religioso, significa que Deus determina os acontecimentos com o propósito de produzir os resultados por ele desejados (quanto a uma ampla discussão sobre essa particularidade, ver Rm. 9.15-16; quanto ao livre-arbítrio do homem, que é uma verdade paralela àquela, ver 1Tm. 2.4).

- Deus faz o livre-arbítrio cooperar para Seus fins, utilizando-se dele sem destruí-lo; contudo, não sabemos precisar como o Senhor o faz. Essas duas verdades — a do determinismo divino e a do livre-arbítrio humano — formam um paradoxo, isto é, fazem parte, juntamente, de uma proposição que parece contradizer a si mesma, a exemplo do fato de que Jesus Cristo é ao mesmo tempo divino e humano.

- Um paradoxo, entretanto, nem sempre expressa uma insensatez ou inverdade, simplesmente porque não encontramos solução fácil para ele, ou mesmo porque não encontramos solução alguma para ele. O livre-arbítrio do homem e o determinismo divino são verdades bíblicas, porém, para o problema de como podem sê-lo ao mesmo tempo é que não achamos a resposta adequada.

- Deve-se observar, neste ponto, que o Espírito (neste caso, o Espírito Santo, e não meramente o espírito humano) toma o lugar do anjo, referido no v. 26 deste capítulo, mas é bem provável que até mesmo aqui encontremos o ministério angelical, operando em nome e no lugar do Espírito Santo (ver comentários ao v. 26 acima, quanto a esses termos, alternados nesta passagem bíblica, e ao que fica subentendido nisso, de conformidade com a teologia judaica, acerca das manifestações dos anjos, em relação à presença de Deus).

- Alguns intérpretes acreditam que o Espírito Santo meramente continuou a agir onde o anjo deixara de ministrar e que a orientação divina foi dada por impulso no íntimo de Filipe. Isso é possível; todavia, é menos provável que a outra interpretação, embora não possamos ter certeza sobre a verdadeira natureza do fato.

- Este texto nos mostra que não deveríamos ser tão tímidos para com os desconhecidos como alguns fingem ser. Quanto àqueles que desconhecemos, pelo menos sabemos disto, que têm alma.

- No que tange ao carro ou carruagem em que viajava o eunuco etíope, não sabemos qual seria o tipo desse veículo. No entanto, que os magistrados, os cônsules, os pretores, os censores e os edis principais dos romanos costumavam usar um veículo chamado *carrus*, no latim, veículo dotado de duas rodas, com um assento, em alguns casos capaz de ser dobrado, no qual se assentavam nas reuniões do senado, a rostra ou tribunal de justiça, a que denominavam de *curulis*, porquanto levavam consigo os assentos de seus respectivos carros. Também havia outros tipos desse pequeno veículo, geralmente puxado por três mulas, ou por três cavalos, dotado de um assento ou dois. Havia também uma carruagem maior, munida de quatro rodas, chamada *rheda*, algumas vezes adornada de metais preciosos. Os carros de guerra geralmente contavam com duas rodas e eram tripulados por dois homens, um dos quais dirigia os cavalos, enquanto o outro era o combatente. É bem provável que o veículo utilizado pelo eunuco etíope pertencia a esse tipo menor, que podia viajar com maior rapidez.

30 E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e disse: Entendes tu o que lês?

- Podemos divisar aqui a importância da leitura e do estudo das Escrituras Sagradas. O participio presente, no original grego, indica que Filipe esperava uma resposta negativa, o que, de resto, seria plenamente justificável. A famosa citação de Juliano, o Apóstata, vem à nossa memória, quando lemos este versículo. Exclamou ele: “Li, compreendi e condenei!” A réplica de um famoso bispo cristão e igualmente seguida: “Leste, mas não compreendeste; pois se tivesses compreendido, não terias condenado”.

- Não obstante, embora ignorasse muitas coisas ali escritas, não se enfadou, lançando o livro para um lado. Assim também devemos nós ler as Escrituras. É necessário que recebamos sofregamente, com mente acolhedora, aquelas coisas que ali estão claras, até onde Deus nos tiver aberto a mente. Quanto àquelas outras coisas que nos forem ocultas, precisamos passar por cima das mesmas, até podermos perceber maior luz.

- E, se não nos enfatiarmos dessa leitura, finalmente chegará o tempo em que as Escrituras nos parecerão mais familiares, por causa do seu uso.

- A maioria dos crentes professa aceitar a ideia de que Deus falou por intermédio do Antigo e do Novo Testamentos; no entanto, prevalece crassa ignorância acerca de muitos ensinamentos importantes desses livros sagrados, especialmente a respeito do conhecimento geral das doutrinas paulinas.

- Talvez o fato mais perturbador em torno de toda essa questão do estudo das Escrituras seja que muitos dos chamados mestres passam anos, ou talvez mesmo se passem gerações, sem que ninguém faça qualquer esforço sério para melhorar o seu conhecimento ou a sua habilidade de ensinar; e assim, as pobres congregações são forçadas a contentar-se com uma classe de mestres de segunda, terceira ou quarta categoria. Se isso ocorresse no mundo exterior, onde a ênfase recai sobre o progresso e a melhoria contínuos, e onde todos são obrigados a procurarem aprimorar-se sem cessar, muitas pessoas perderiam sua ocupação. Porém, nas igrejas evangélicas os mestres bíblicos geralmente não são pagos, e isso talvez seja a grande razão da incúria, sendo talvez uma das circunstâncias adversas no seio da igreja.

- Seja como for, é realmente lamentável que tantos indivíduos só se disponham a melhorar seus conhecimentos e seus métodos a troco de um salário. Mas, que se pode dizer acerca daqueles ministros pagos que pensam que os quatro anos passados em algum seminário bíblico ou instituto preparou-os eternamente para o que têm a fazer? Quantos deles procuram melhorar sua utilidade, nas mãos de Deus, de alguma forma objetiva e intensiva?

- Porém, acima de todas essas considerações eleva-se a questão do desenvolvimento e do aprofundamento espirituais. Quantos, realmente, preocupam-se em encontrar meios e métodos para terem, em sua vida cristã, a presença cada vez mais plena do Espírito Santo? A mente deve ser treinada e cheia da Palavra de Deus; e a alma deve estar tomada pela presença do Espírito Santo.

31 E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse.

- A mensagem estava guardada em forma escrita. Filipe desenvolveu-se mediante a palavra falada. Essa combinação salvou uma alma. É importante ensinarmos oralmente. Também é importante contarmos com fontes em forma escrita, das quais muitas ideias possam ser obtidas para ensinarmos.

- Laboram em erro aqueles que não sentem a necessidade de aprender da parte de outros, sem importar se a instrução é recebida em forma oral ou é proveniente de fontes escritas. Consideremos a necessidade que se tem de desenvolver a mente. Bons livros, sobretudo aqueles que explanam as Escrituras, podem ajudar-nos a desenvolver mentalidade espiritual, a mais rica de todas as possessões.

- Aqueles que se orgulham daquilo que Deus lhes revelou não devem desprezar o que Deus tiver revelado a outros, quer isso seja expresso verbalmente ou preservado em forma escrita. O poder e a influência da literatura de todas as espécies, para bem ou para mal, tem sido repetidamente comprovado na experiência humana. Por que haveríamos de desprezar esse fator? Por que haveríamos de negligenciar esse poder?

- Os filósofos epicureus da Grécia antiga tinham razão quando salientavam a importância dos prazeres mentais acima dos prazeres físicos. A mente, treinada e prenhe de pensamentos dignos, e, mais particularmente ainda, de pensamentos divinos, concede aos seus possuidores uma alegria que poucos são capazes de conhecer e apreciar.

- Alguns têm receio do conhecimento, do estudo e das pesquisas, imaginando que tais atividades inevitavelmente corrompam o homem. Porém, Deus jamais oferece qualquer prêmio à ignorância, porquanto ele mesmo é conhecimento consumado. É fato que um conhecimento superficial pode corromper, mas o estudo sério, sobretudo das Escrituras, conduz o indivíduo de volta a Deus, que é a verdade absoluta.

- No tocante ao valor dos comentários bíblicos e dos intérpretes das Escrituras, declarou Calvino: “Foi das mais notáveis a modéstia do eunuco, que não somente permitiu ser indagado por Filipe, que parecia homem dos mais comuns, mas também lhe confessou francamente a sua ignorância. E certamente jamais devemos ter a esperança de que alguém é para ser ensinado, quando se ufana de sua própria esperteza. É exatamente por isso que a leitura das Escrituras é aproveitada tão pouco nestes nossos dias, porquanto dificilmente podemos encontrar uma pessoa, em cada cem, que se submeta voluntariamente ao aprendizado. Porque apesar de todos os homens quase se envergonharem de sua ignorância, em qualquer assunto que ignorem, contudo, todos preferem nutrir a sua ignorância a parecerem ser alunos de outrem. Homens fanáticos requerem inspiração e revelação dos céus, mas, ao mesmo tempo, desprezam os ministros de Deus, por intermédio de cuja mão deveriam deixar-se governar. Alguns outros, que confiam demasiadamente em sua própria inteligência, não querem dar ouvidos a outros homens, e não leem qualquer comentário. Deus, entretanto, não quer que negligenciemos aquelas ajudas que ele nos oferece; e não permite que escapem sem prejuízo àqueles que desprezam a esses auxílios”.

- A fim de que possamos ter correta compreensão das Escrituras, é mister que contemos com alguém que nos guie; alguns bons livros, alguns homens bons, mas acima de tudo, o Espírito da graça, que nos conduz a toda a verdade.

32 E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro; e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca.

- O trecho mais importante, contido nesta narrativa, além das implicações históricas acerca da propagação da igreja cristã, é a citação do quinquagésimo terceiro capítulo de Isaías, que fala sobre Cristo como o Messias-Servo Sofredor. Por essa altura dos acontecimentos, esse elemento se tinha feito parte da apologia messiânica em favor de Jesus, apresentada pelos cristãos primitivos (quanto à *apologia cristã* em prol do caráter messiânico de Jesus, ver Jo. 7.45; quanto a comentários sobre o Senhor Jesus como “Servo Sofredor”, ver At. 3.18; quanto a Jesus como “o Servo de Deus”, ver At. 3.13; quanto ao testemunho geral do Antigo Testamento a respeito de Cristo, acompanhado de uma lista das profecias e como elas tiveram cumprimento nele, ver At. 3.22; quanto às “profecias do reino”, relativas a Cristo, ver At. 3.21).

A citação bíblica, que se encontra nos vss. 32 e 33, é extraída do trecho de Isa. 53:7,8, segundo a versão da Septuaginta, a passagem bíblica mais famosa sobre o Messias como Servo Sofredor. Essa passagem foi utilizada desde o princípio, pelos primitivos cristãos, para demonstrar como a morte aparentemente desgraçada e vergonhosa de Jesus, na realidade, cumpriu o plano divino relativo ao Messias.

Uma das questões difíceis, enfrentadas pelos cristãos primitivos, consistia em responder aos judeus como Jesus poderia ter sido o Messias, se sofreu a morte que teve, quando a mensagem geral do A.T. acerca do Messias, mostra-o como um monarca triunfante, e não como um mestre desprezado e rejeitado, que finalmente haveria de sofrer, às mãos de seu próprio povo, um tratamento vergonhoso e cruel. A resposta a essa indagação é dupla, a saber:

1. O sofrimento fazia parte da missão do Messias (e essa paixão estava inclusa nas profecias messiânicas do A.T.), porquanto foi através de sua morte na cruz que Jesus nos outorgou o perdão dos pecados, pois em sua morte ele levou sobre si as nossas iniquidades.

2. A ressurreição de Jesus reverteu à maldição envolvida em sua morte na cruz, levando-o a triunfar na vida, sobre a morte, capacitando-o, assim, a conferir aos remidos a imortalidade.

Essa instância da apologia cristã, em defesa do Messias, na qualidade de Servo Sofredor de Deus, é a parte mais importante do presente texto do livro de Atos, embora contenha outras lições dignas de atenção. É importante por ser a primeira aplicação, definida e extensa, de uma passagem do A.T., ao Senhor Jesus, que ensina esse aspecto expiatório de sua missão terrena, embora existam indícios anteriores ao mesmo, como a declaração que se encontra em Marc. 10:45: «Pois o próprio Filho do homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos». Por qual razão Lucas deixou essa declaração de lado, ao manusear o texto do evangelho de Marcos (ver Luc. 22:27), não sabemos dizê-lo. Entretanto, o tratamento que Lucas dá à Ceia do Senhor, em Luc. 22:19,20, destaca de forma bem clara o valor expiatório da morte de Cristo.

Apesar de que esta presente citação, que não se estende até Isa.53:10;11 e ensina especificamente o valor expiatório da morte do Messias, e do fato que ele ofereceu o grande sacrifício pelos pecados, o próprio fato que Lucas citou qualquer porção dessa passagem é razão e prova suficiente para mostrar-nos que essa verdade brilhava entre as verdades do cristianismo.

Naturalmente a passagem de Atos 20:28 declara sem rodeios essa verdade.

TAMBÉM não sé há de duvidar que a igreja cristã primitiva somente aos poucos se aproximou da mais perfeita compreensão acerca da morte de Cristo; pois é perfeitamente provável que, a princípio, juntamente com seus concidadãos judeus, os primeiros cristãos encarassem a morte de Jesus apenas como um acontecimento horrendo, produzido por homens iníquos que se opuseram aos conselhos de Deus. Pode-se observar que, em Atos 2:23, são frisadas ambas as ideias, em combinação, isto é, a iniquidade dos homens e o conselho determinado por Deus, subentendendo que havia uma obra divina em operação em todo o transe pelo qual passou o Senhor Jesus. Também nos é dado observar que, mais tarde, em I Ped. 1:18-20, o apóstolo Pedro foi capaz de definir claramente toda essa questão. E ali, de maneira direta, a morte de Cristo é exibida em todo o seu valor expiatório, remidor. (Quanto a discussões completas sobre o Messias^eora^ Servo Sofredor, que vai além dos comentários dados neste ponto, ver Atos 3:18. Quanto ao testemunho geral que o A.T. dá a respeito de Cristo, as profecias, e como elas tiveram cumprimento em sua pessoa, em que essas profecias são compiladas em listas, com referências bíblicas do Antigo e do Novo Testamentos, ver as notas expositivas em Atos 3:22. Quanto a Cristo na qualidade de «Servo de Deus», ver as notas expositivas sobre Atos 3:13. Quanto às «profecias do reino», relativas a Cristo, ver Atos 3:21. Quanto à «apologia cristã», em prol da missão messiânica de Jesus, que expõe muitos argumentos, ver os comentários sobre João 7:45. Se o leitor quiser dedicar tempo no exame dessas notas sugeridas acima, haverá de poder aumentar seus conhecimentos sobre o ofício messiânico de Jesus, e como os primitivos cristãos tentaram demonstrar a validade desse ofício, em face da incredulidade de seus compatriotas judeus).

É digno de atenção como a providência de Deus havia conduzido o eunuco a leitura de uma passagem de Isaías tão obviamente aplicável ao Senhor Jesus. Não podem resta/dúvidas que esse homem já ouvira falar em Jesus, como ele sofrerá, etc. É bem possível que já houvesse entrado em contacto com alguns cristãos, os quais lhe anunciaram os princípios elementares da mensagem do evangelho. Talvez esse fato é que o tenha impelido a examinar a questão por si mesmo. Filipe, ouvindo-o ler essa passagem, teve excelente oportunidade de apresentar-lhe a palavra de fé e , salvação; e não perdeu seu tempo. (Quanto a notas expositivas sobre a «providência de Deus», que opera em todas as facetas e estágios de nossa vida, levando-nos ao serviço que nos convém, e, finalmente, ao nosso elevadíssimo destino, em Cristo, ver as notas seguintes: O vigésimo sexto versículo deste capítulo; João 7:6; 11:4 e Atos 7:9,10).

O texto, que encerra a citação de Isaías, compara Cristo a um «cordeiro», conduzido mansamente para ser tosquiado ou morto; e com isso fica salientada a inocência, a mansidão e a morte voluntária de Cristo, tudo com a finalidade de cumprir o propósito divino. O Senhor Jesus mostrou-se obediente a Deus Pai, seguiu a sua vontade e subordinou a essa vontade o que sem dúvida seria sem impulso natural de apegar-se à vida indefinidamente, de modo egoísta. Confiou em Deus Pai, para que este produzisse os resultados apropriados e o triunfo que deveriam seguir-se à sua morte. (Quanto a notas expositivas sobre a «expição, ver Rom. 5:11).

«Ele (Jesus Cristo) verdadeiramente falou perante Pilatos (ver João 18:34,36), mas não para salvar a sua própria vida, e, sim, a fim de que se oferecesse voluntariamente à morte, conforme fora designado para ele pelo Pai, e para que, dessa maneira, recebesse sobre si o castigo que estava preparado para nós». (Calvino, in loc.).

33 Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra.

- Continua aqui a citação alicerçada no trecho de Is. 53.7-8, com base na versão da Septuaginta. Aqui foi predita a notória injustiça praticada pelo sinédrio, em sua maneira de tratar o Messias. Na Sua morte, a justiça foi negada e eliminada. As regras ordinárias de procedimento legal foram totalmente olvidadas e testemunhas falsas foram propositalmente procuradas. Jamais houve qualquer ideia de ser feita uma investigação imparcial, por meio da qual se pudesse chegar a alguma conclusão razoável. Pelo contrário, tratava-se da tentativa predeterminada de obter a morte de Jesus, dando a tudo a impressão falsa de que se fizera justiça.

- Os antigos davam pouco valor ao espírito humilde. De fato, Aristóteles considerava que a humildade era um defeito moral. Platão, entretanto, conferia à humildade um lugar superior, denunciando o orgulho, o desejo de possuir riquezas, as honrarias humanas e coisas semelhantes.

- O Novo Testamento, ao contrário, dá grande ênfase à humildade (ver Cl. 3.12 e 1Pe. 5.5). A humildade de Cristo tornou possível, em primeiro lugar, a sua glorificação; em seguida, possibilitou a nossa. E é disso que consiste a nossa salvação (ver Fp. 2.7ss.).

- A humildade reflete nossa dependência a Deus, quer na questão da existência terrena e suas necessidades, quer no tocante à existência espiritual, com seus requisitos e sua glória. Porquanto participamos da humilhação de Cristo, também haveremos de compartilhar de Sua glorificação, de Sua imagem e de Sua natureza (ver Cl. 2.10 e 2Co. 3.18).

- A expressão inicial deste versículo, no original hebraico de Isaías, parece indicar: “Pela opressão e pelo juízo ele foi arrebatado, isto é, eliminado, executado”. Similarmente, segundo o uso neotestamentário, essas palavras parecem dar a entender: “Ele sofreu um julgamento injusto”, em alusão ao homicídio judicial que o vitimou, isto é, execução capital perpetrada mediante julgamento e condenação baseados na falsificação de provas.

- Foi-lhe negada a justiça que deveria receber quando do seu julgamento. Em Sua humilhação, não lhe fizeram justiça; os Seus direitos Lhe foram negados e teve de sofrer como se fosse um criminoso. Daí a tradução de nossa versão, acompanhando a tradução inglesa RSV: “Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento”.

- Naturalmente, a humilhação, neste caso, não envolve meramente a humanidade de Cristo, e nem apenas a sua posição humilde, mas igualmente aquela condição de desgraça para a qual o empurraram homens perversos e violentos. Todavia, essa situação de opróbrio não poderia ter-se materializado, a menos que ele tivesse vindo a este mundo em sua missão encarnada. O trecho de

Fp. 2.6-8 diz-nos que tudo isso fazia parte da humilhação geral de Cristo, termo esse que expressa a posição por ele tomada, quando de sua encarnação, em contraste com as honras que desfrutava, como o *Logos* eterno (ver o trecho de Jo. 1.1 sobre esse assunto).

- A expressão “quem contará a sua geração?” tem criado muitas dúvidas, na opinião dos estudiosos das Escrituras, tendo surgido muitas interpretações, a saber: 1. Essa passagem parece querer dizer: Quem pode declarar quantos, finalmente, compartilharam de sua vida? (isto é, mediante a confiança Nele, através da vida que Ele outorga). Porquanto Ele foi tirado tão repentinamente da face da terra que pouca promessa deixou de possuir uma posteridade espiritual. Um dos sentidos centrais da vida terrena, para cada indivíduo, é que, através de cada remido, a vida de Cristo continua. Porém, a iniquidade dos homens furtoou Cristo até mesmo disso. 2. Quem poderia descrever aquela geração ímpia? E, nesse caso, estariam em foco os seus contemporâneos. Aquela gente teria sido tão completamente pervertida que, quem poderia exercer suas faculdades discursivas, sua razão e imaginação, de modo suficiente a realmente descrever corretamente a perversidade daquela geração? 3. Quem, entre eles, teria considerado ou dado atenção sobre a maneira como Cristo foi maltratado, e, finalmente, foi cortado (o que indica uma morte violenta) dentre o Seu povo? Quem teria observado o horror verdadeiro e profundo do que sucedeu? A palavra “geração”, neste caso, portanto, significa a “vida em geral”. 4. Outros eruditos compreendem que se trata da circunstância de um julgamento que ordinariamente contava com uma testemunha positiva em favor do acusado. Assim sendo, quem foi que deu testemunho positivo sobre Sua vida e as obras de bondade e de graça (o que estaria em vista na palavra “geração”)? Esse ponto de vista expressa certa verdade, mas mui provavelmente ainda não representa a interpretação correta. 5. Ainda outros estudiosos pensam tratar-se de Sua filiação eterna. Quem, entre os Seus contemporâneos, teve qualquer ideia real sobre quem foi Jesus, o qual, na realidade, era o próprio Filho eterno de Deus? Contudo, a “geração” eterna de Cristo não é aqui destacada, embora seja verdade que pouquíssimos reconheceram-no conforme ele realmente é. 6. Ainda mais distante da interpretação correta é a opinião daqueles que pensam que a alusão é ao nascimento virginal, ou seja, Sua geração natural. Quem teria compreendido qualquer coisa acerca de Sua miraculosa concepção? (Estaria em vista a Sua geração, em sentido físico). 7. Calvino vê nessas palavras uma referência à vida eterna de Cristo (resultante de Sua ressurreição), a qual ninguém pode descrever em toda a sua vastidão e profundidade, o que também nos garante a vida eterna, que nele possuímos.

- Dentre essas diversas possibilidades, a primeira e a segunda parecem as mais prováveis; e a segunda delas parece encerrar o sentido tencionado no original hebraico. Assim é que John Gill esclarece: “Não está em vista a sua geração divina ou humana; nem as tristezas de sua vida; nem a duração de sua vida, desde a sua ressurreição; nem o número de sua descendência espiritual; certos indivíduos veem nessas palavras um sentido que elas não podem suportar; mas a geração ou época em que Cristo viveu, por causa de sua iniquidade entre eles mesmos, e por causa da barbaridade que cometeu contra ele, manifestando contra ele tanta má vontade, é que não pode ser suficientemente descrita e declarada...(pois sua vida) ‘foi tirada da terra’ não em sentido judicial, mas da maneira mais cruel, bárbara e injusta, através de meios violentos, não sem o concurso da vontade de seu Pai, e do seu consentimento pessoal; e embora a sua vida tivesse sido tirada da terra, ele agora vive nos céus para todo o sempre”.

34 E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro?

- Diversas interpretações judaicas a respeito, opinavam o seguinte: 1. Seria uma alusão ao próprio Isaías, com referência particular aos seus sofrimentos, por causa das perseguições movidas pelo rei Manasses. De conformidade com certas tradições. Isaías teria sido serrado ao meio por ordem de Manassés. 2. Outros diziam que a passagem se referia a Josias (ver Abarbinal sobre o capítulo cinquenta e três de Isaías), ou então a Jeremias, ou a qualquer outro dos profetas, ou mesmo ao

próprio povo de Israel, coletivamente, como se fora uma única pessoa. (Quanto à interpretação que dizia que estava em vista o profeta Jeremias, ver Saadiah Gaon em Aben Ezra, sobre Isa. 53, porquanto Jeremias era reputado como o profeta que mais sofreu. Quanto à interpretação que diz que essa passagem indica o povo de «Israel», ver Zarchi, Aben Ezra e Kimchi, sobre Isa. 53). 3. Mui significativamente, vários escritos judaicos antigos dizem que essa passagem profética se referia ao Messias, havendo mesmo uma tradição nesse sentido, até mesmo no próprio Talmude. (Ver Talmude Bab. Sanhedrin, foi. 98.2; Zohar sobre Êxodo, foi. 85.2; Midrash Ruth, foi. 33.2).

- Que essa passagem do quinquagésimo terceiro capítulo de Isaías é uma predição messiânica se evidencia! Pelo fato de que está ali em foco o aperfeiçoamento de sua pessoa, o qual, subsequentemente, poderia ser aquele que levaria sobre si mesmo os pecados de seu povo, e que, outrossim, se tornaria um sacrifício expiatório pelo pecado. (Ver Isa. 53:4,5,10-12).

- Deus também haveria de conferir-se a herança a que fazia jus, ou seja, a glorificação, porquanto fizera sacrifício expiatório plenamente eficaz e triunfara; e então, ato contínuo, é visto a fazer intercessão em favor dos transgressores. É óbvio que nenhum profeta, e nem mesmo o povo de Israel considerado como um todo, cabem dentro desse quadro falado ou possuem as qualificações e características aqui referidas. Essa profecia exige que alguém, de estatura maior e muito mais qualificado, em sua pessoa e em sua obra, preencha o quadro, e isso só pode ser feito pelo próprio Messias.

- Como outra confirmação da necessidade de uma interpretação messiânica, no que diz respeito a essa predição do livro de Isaías, bem como do fato de que Jesus foi o Messias, basta que nos lembremos de fazer a simples observação de que, do ponto de vista histórico, ninguém, à semelhança do Senhor Jesus, cumpriu em detalhes exatos todas as descrições desse quinquagésimo terceiro capítulo de Isaías. A pessoa de Cristo, que se desenvolveria como planta tenra, em solo seco e estéril, em meio a espinhos; a sua vida de tristezas e de grandes adversidades; a sua opressão por parte de autoridades altivas; a sua paciência e humildade em meio às mais vergonhosas perseguições; o patético de sua morte tão prematura e evidentemente desnecessária; o seu ser repentinamente cortado da terra dos viventes; o seu sepultamento com o rico; a sua morte expiatória, em favor de todos os homens; a sua graciosa intercessão pelos homens... Nenhum personagem da história sacra ou do mundo, em geral, pode preencher esse quadro como o próprio Senhor Jesus. Dessa maneira, a história se põe decisivamente ao seu lado, consubstanciando as suas reivindicações messiânicas. (Quanto às provas, neotestamentárias: do caráter «messiânico» de Jesus, ver as notas expositivas sobre João 7:45).

35 Então, Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus.

- Não nos devemos esquecer, neste ponto, que «...Filipe...» era o «evangelista», e não o apóstolo. Estejjodia divisar Cristo no A.T., conforme também via o próprio Senhor Jesus. Isso nos mostra Cristo na história. Todo estudo feito nas páginas do A.T., apesar de algumas vezes ser feito com sinceridade, com real desejo de conhecer a verdade, quando não descobre o Senhor Jesus Cristo em cada uma de suas páginas, perdeu de vista o fio da história; pois Cristo, na realidade, é o centro e o próprio âmago da história. O destino dos homens, quando realmente atingido, consiste na transformação moral e metafísica dos remidos, segundo a imagem de Cristo, em que fica para trás toda a expressão meramente física, o corpo, a prisão da alma, e em que os remidos entram na gloriosa liberdade da existência espiritual autêntica.

- *Evangelismo*:. Há uma história, ocorrida no século passado, já em seus últimos anos, em que, numa das ruas da cidade de Chicago, na América do Norte, um homem já de certa idade aproximou-se de outro mais jovem, completamente desconhecido, e, sem qualquer provocação, lhe perguntou à queima-roupa: —Você é crente?

O outro, um tanto ou quanto ofendido, retrucou: — Isso não é de sua conta.

E, sim! insistiu o mais idoso.

Então você deve ser Dwight L. Moody!

- E era. Todo o mundo o conhecia naquela parte do país, naquele tempo; e não demorou muito para que grande número de pessoas o conhecesse em todas as partes do mundo. Distinguiu-se dos homens comuns pelo fato de que vivia repleto de Cristo, e, sem cessar, fazia-o extravasar para outras pessoas.

- Ora, segundo aprendemos neste texto, Filipe era desse tipo de homem. Tanto Moody como Filipe pregavam o «Senhor Jesus» a seus semelhantes. Essa é a súpula total da mensagem evangelística: o que o Senhor Jesus significa para os homens; como se deve seguir o modelo de sua vida; a sua morte expiatória; a sua ressurreição, glorificação e vida eterna, nos lugares celestiais, tudo o que faz parte integrante da herança dos remidos, por intermédio dele; entretanto, de todas as preciosas bênçãos que são nossas por meio de Cristo, a mais importante é a participação em sua própria natureza.

- Outro homem, de atitude muito semelhante à de Moody, era George Brush. Formara-se num colégio batista e ganhava a vida vendendo livros. Mas, por onde quer que fosse, falava sobre Cristo.

George Brush e o meu nome.
A América e a minha nação.
Ludington e onde moro,
E o céu e a minha direção.

Conta-se a história de como certo dia, viajando de trem, interpelou um outro homem: «Irmão, posso falar-lhe sobre a coisa mais importante da vida?»

Irritado, o outro respondeu: - «Se é seguro, já estou seguro. Se é sobre poços de petróleo, não quero tocar nessas coisas. E se é religião, já estou salvo».

Isso era tudo quanto George queria saber; e isso deixou-o livre para falar com outros.

Ainda uma outra história é a de um jovem ministro presbiteriano que tinha uma igreja numerosa em uma área industrial, da qual eram membros diversas pessoas abastadas. Frequentava as reuniões uma mulher especialmente devota, mas cujo esposo não demonstrava a mínima atenção pelas questões religiosas. O jovem ministro, finalmente, resolveu que era seu dever visitar esse homem. Assim sendo, marcou uma entrevista. Chegado o dia marcado, entrou em um austero escritório e encontrou o homem assentado por detrás de uma grande escrivaninha. Em termos simples, falou-lhe sobre a mensagem de Cristo, e acrescentou: «!Penso que o Senhor deveria fazer algo sobre isso, de um modo ou de outro».

Ao terminar sua exposição, completo silêncio encheu o salão. A fim de aliviar o silêncio tumular, o ministro repetiu a sua explicação em termos um tanto diferentes. Novamente prevaleceu total silêncio. Por essa altura já estava começando a lamentar, no íntimo, que resolvera aproximar-se do homem. Finalmente, tomando este de um bloco de papel, arrancou dali uma folha e escreveu: «Estou tão emocionado que não posso falar». Era aquela a primeira vez que alguém se aproximava dele, mostrando interesse pela sua alma, não meramente para tirar algum proveito financeiro do encontro. E assim aquele homem foi conduzido a Cristo, tornando-se mais tarde membro da igreja, e, finalmente, se fez uma influência benéfica para toda aquela cidade.

Nem todas as narrativas sobre o evangelismo apresentam sucessos como essas, mas isso não remove a necessidade de dizer como Cristo deve ser o centro de toda a existência humana, porquanto ele é o grande alvo, e exhibe para nós o que Deus tenciona que seja o homem. '

Um nobre selvagem. Sem Cristo, por melhor que seja, o homem que aperfeiçoa a sua conduta moral através do poder da vontade, pode fazer de si mesmo um nobre selvagem. Porque a menos que um indivíduo esteja sendo transformado segundo a imagem de Cristo, passando a compartilhar de sua natureza moral e metafísica, permanecerá apenas um animal com inteligência, posto que muitos homens se distinguem dos animais irracionais apenas por possuírem maior inteligência. E se

chegar a aprimorar-se suficientemente, também se tornará nobre, e será, por conseguinte, um nobre e inteligente selvagem.

Mas eis que um nobre selvagem pode ser espiritualizado, tornando-se Filho de Deus no sentido mais elevado da expressão. Porque o Senhor Jesus veio a este mundo a fim de espiritualizar a humanidade, a fim de levar os homens a possuírem a sua própria imagem divina.

Como se pode propagar a mensagem cristã? Só existem duas maneiras para espalhar qualquer coisa em que se esteja verdadeiramente interessado. A primeira delas consiste em vivermos tal mensagem, e a outra consiste em' falarmos a respeito. Não há nenhum substituto.

Ef. 4

11 E ele mesmo deu uns para apóstolos, e outros para profetas, e outros para evangelistas, e outros para pastores e doutores,

- Este versículo alista os dons de ministério (ou seja, líderes espirituais dotados de dons) que Cristo deu à igreja. Paulo declara que Ele deu esses dons para preparar o povo de Deus ao trabalho cristão (Ef. 4.12) e para o crescimento e desenvolvimento espirituais do corpo de Cristo, segundo o plano de Deus (Ef. 4.13-16).

- O título “apóstolo” se aplica a certos líderes cristãos no Novo Testamento. O verbo *apostello* significa enviar alguém em missão especial como mensageiro e representante pessoal de quem o envia. O título é usado para Cristo (Hb. 3.1), os doze discípulos escolhidos por Jesus (Mt. 10.2), o apóstolo Paulo (Rm. 1.1; 2Co. 1.1; Gl. 1.1) e outros (At. 14.4,14; Rm. 16.7; Gl. 1.19; 2.8,9; 1Ts. 2.6,7).

- O termo “apóstolo” era usado no Novo Testamento em sentido geral, para um representante designado por uma igreja, como, por exemplo, os primeiros missionários cristãos. Logo, no Novo Testamento o termo se refere a um mensageiro nomeado e enviado como missionário ou para alguma outra responsabilidade especial (ver At. 14.4,14; Rm. 16.7; cf. 2Co. 8.23; Fp. 2.25). Eram homens de reconhecida e destacada liderança espiritual, unguídos com poder para defrontar-se com os poderes das trevas e confirmar o Evangelho com milagres. Cuidavam do estabelecimento de igrejas segundo a verdade e pureza apostólicas. Eram servos itinerantes que arriscavam suas vidas em favor do nome de nosso Senhor Jesus Cristo e da propagação do evangelho (At. 11.21-26; 13.50; 14.19-22; 15.25,26). Eram homens de fé e de oração, cheios do Espírito (ver At. 11.23-25; 13.2-5,46-52; 14.1-7,21-23).

- Apóstolos, no sentido geral, continuam sendo essenciais para o propósito de Deus na igreja. Se as igrejas cessarem de enviar pessoas assim, cheias do Espírito Santo, a propagação do evangelho em todo o mundo ficará estagnada. Por outro lado, enquanto a igreja produzir e enviar tais pessoas, cumprirá a sua tarefa missionária e permanecerá fiel à grande comissão do Senhor (Mt. 28.18-20).

- O termo “apóstolo” também é usado no NT em sentido especial, em referência àqueles que viram Jesus após a sua ressurreição e que foram pessoalmente comissionados por Ele a pregar o evangelho e estabelecer a igreja (por exemplo, os doze discípulos e Paulo). Tinham autoridade ímpar na igreja, no tocante à revelação divina e à mensagem original do evangelho, como ninguém mais até hoje (ver Ef. 2.20). O ministério de apóstolo nesse sentido restrito é exclusivo, e dele não há repetição. Os apóstolos originais do Novo Testamento não têm sucessores (ver 1Co. 15.8).

- Os profetas eram homens que falavam sob o impulso direto do Espírito Santo, e cuja motivação e interesse principais eram a vida espiritual e pureza da igreja. Sob o novo concerto, foram levantados

pelo Espírito Santo e revestidos pelo seu poder para trazerem uma mensagem da parte de Deus ao seu povo (At. 2.17; 4.8; 21.4).

- O ministério profético do Antigo Testamento ajuda-nos a compreender o do Novo Testamento. A missão principal dos profetas do Antigo Testamento era transmitir a mensagem divina por meio do Espírito, para encorajar o povo de Deus a permanecer fiel, conforme os preceitos da antiga aliança. Às vezes eles também prediziam o futuro conforme o Espírito lhes revelava. Cristo e os apóstolos são um exemplo do ideal do Antigo Testamento (At. 3.22,23; 13.1,2).

- A função do profeta na igreja incluía o seguinte: (a) Proclamava e interpretava, cheio do Espírito Santo, a Palavra de Deus, por chamada divina. Sua mensagem visava admoestar, exortar, animar, consolar e edificar (At. 2.14-36; 3.12-26; 1Co. 12.10; 14.3). (b) Devia exercer o dom de profecia. (c) Às vezes, ele era vidente (cf. 1Cr. 29.29), predizendo o futuro (At. 11.28; 21.10,11). (d) Era dever do profeta do Novo Testamento, assim como para o do Antigo Testamento, desmascarar o pecado, proclamar a justiça, advertir do juízo vindouro e combater o mundanismo e frieza espiritual entre o povo de Deus (Lc. 1.14-17). Por causa da sua mensagem de justiça, o profeta pode esperar ser rejeitado por muitos nas igrejas, em tempos de mornidão e apostasia.

- O caráter, a solicitude espiritual, o desejo e a capacidade do profeta incluem: (a) zelo pela pureza da igreja (Jo. 17.15-17; 1Co. 6.9-11; Gl. 5.22-25); (b) profunda sensibilidade diante do mal e a capacidade de identificar e detestar a iniquidade (Rm. 12.9; Hb. 1.9); (c) profunda compreensão do perigo dos falsos ensinamentos (Mt. 7.15; 24.11,24; Gl. 1.9; 2Co. 11.12-15); (d) dependência contínua da Palavra de Deus para validar sua mensagem (Lc. 4.17-19; 1Co. 15.3,4; 2Tm. 3.16; 1Pe. 4.11); (e) interesse pelo sucesso espiritual do reino de Deus e identificação com os sentimentos de Deus (cf. Mt. 21.11-13; 23.37; Lc. 13.34; Jo. 2.14-17; At. 20.27-31).

- A mensagem do profeta atual não deve ser considerada infalível. Ela está sujeita ao julgamento da igreja, doutros profetas e da Palavra de Deus. A congregação tem o dever de discernir e julgar o conteúdo da mensagem profética, se ela é de Deus (1Co. 14.29-33; 1Jo. 4.1).

- Os profetas continuam sendo imprescindíveis ao propósito de Deus para a igreja. A igreja que rejeitar os profetas de Deus caminhará para a decadência, desviando-se para o mundanismo e o liberalismo quanto aos ensinamentos da Bíblia (1Co. 14.3; cf. Mt. 23.31-38; Lc. 11.49; At. 7.51,52). Se ao profeta não for permitido trazer a mensagem de repreensão e de advertência denunciando o pecado e a injustiça (Jo. 16.8-11), então a igreja já não será o lugar onde se possa ouvir a voz do Espírito. A política eclesiástica e a direção humana tomarão o lugar do Espírito (2Tm. 3.1-9; 4.3-5; 2Pe. 2.1-3,12-22). Por outro lado, a igreja com os seus dirigentes, tendo a mensagem dos profetas de Deus, será impulsionada à renovação espiritual. O pecado será abandonado, a presença e a santidade do Espírito serão evidentes entre os fiéis (1Co. 14.3; 1Ts. 5.19-21; Ap. 3.20-22).

- Quanto aos evangelistas, já tratamos acima.

- Os pastores são aqueles que dirigem a congregação local e cuidam das suas necessidades espirituais. Também são chamados “presbíteros” (At. 20.17; Tt. 1.5) e “bispos” ou supervisores (1Tm. 3.1; Tt. 1.7).

- A tarefa do pastor é cuidar da sã doutrina, refutar a heresia (Tt. 1.9-11), ensinar a Palavra de Deus e exercer a direção da igreja local (1Ts. 5.12; 1Tm. 3.1-5), ser um exemplo da pureza e da sã doutrina (Tt. 2.7,8), e esforçar-se no sentido de que todos os crentes permaneçam na graça divina (Hb. 12.15; 13.17; 1Pe. 5.2). Sua tarefa é assim descrita em At. 20.28-31: salvar a verdade apostólica e o rebanho de Deus contra as falsas doutrinas e os falsos mestres que surgem dentro da igreja.

- Pastores são ministros que cuidam do rebanho, tendo como modelo Jesus, o Bom Pastor (Jo. 10.11-16; 1Pe. 2.25; 5.2-4).

- Segundo o Novo Testamento, uma igreja local era dirigida por um grupo de pastores (At. 20.28; Fp. 1.1). Os pastores eram escolhidos, não por política, mas segundo a sabedoria do Espírito concedida à igreja enquanto eram examinadas as qualificações espirituais do candidato.

- O pastor é essencial ao propósito de Deus para sua igreja. A igreja que deixar de selecionar pastores piedosos e fiéis não será pastoreada segundo a mente do Espírito (ver 1Tm. 3.1-7). Será uma igreja vulnerável às forças destrutivas de Satanás e do mundo (ver At. 20.28-31). Haverá distorção da Palavra de Deus, e os padrões do evangelho serão abandonados (2Tm. 1.13,14). Membros da igreja e seus familiares não serão doutrinados conforme o propósito de Deus (1Tm. 4.6,14-16; 6.20,21). Muitos se desviarão da verdade e se voltarão às fábulas (2Tm. 4.4). Se, por outro lado, os pastores forem piedosos, os crentes serão nutridos com as palavras da fé e da sã doutrina, e também disciplinados segundo o propósito da piedade (1Tm. 4.6,7).

- Os mestres são aqueles que têm de Deus um dom especial para esclarecer, expor e proclamar a Palavra de Deus, a fim de edificar o corpo de Cristo (Ef. 4.12).

- A missão dos mestres bíblicos é defender e preservar, mediante a ajuda do Espírito Santo, o evangelho que lhes foi confiado (2Tm. 1.11-14). Têm o dever de fielmente conduzir a igreja à revelação bíblica e à mensagem original de Cristo e dos apóstolos, e nisto perseverar.

- O propósito principal do ensino bíblico é preservar a verdade e produzir santidade, levando o corpo de Cristo a um compromisso inarredável com o modo piedoso de vida segundo a Palavra de Deus. As Escrituras declaram em 1Tm. 1.5 que o alvo da instrução cristã (literalmente “mandamento”) é a “caridade de um coração puro, e de uma boa consciência, e de uma fé não fingida” (1Tm. 1.5). Logo, a evidência da aprendizagem cristã não é simplesmente aquilo que a pessoa sabe, mas como ela vive, isto é, a manifestação, na sua vida, do amor, da pureza, da fé e da piedade sincera.

- Os mestres são essenciais ao propósito de Deus para a igreja. A igreja que rejeita, ou se descuida do ensino dos mestres e teólogos consagrados e fiéis à revelação bíblica, não se preocupará pela autenticidade e qualidade da mensagem bíblica nem pela interpretação correta dos ensinamentos bíblicos. A igreja onde mestres e teólogos estão calados não terá firmeza na verdade. Tal igreja aceitará inovações doutrinárias sem objeção; e nela, as práticas religiosas e idéias humanas serão de fato o guia no que tange à doutrina, padrões e práticas dessa igreja, quando deveria ser a verdade bíblica.

- Por outro lado, a igreja que acata os mestres e teólogos piedosos e aprovados terá seus ensinamentos, trabalhos e práticas regidos pelos princípios originais e fundamentais do evangelho. Princípios e práticas falsos serão desmascarados, e a pureza da mensagem original de Cristo será conhecida de seus membros. A inspirada Palavra de Deus deve ser o teste de todo ensino, idéia e prática da igreja. Assim sendo, a igreja verá que a Palavra inspirada de Deus é a suprema autoridade, e, por isso, está acima das igrejas e suas instituições.

Referências bibliográficas:

- **Bíblia Apologética de Estudo**. 2. ed. Editora ICP, 2006.
- CARGAL, Timothy B. **Comentário bíblico pentecostal – O Ministério de Evangelista**. 4. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009, v. 2.
- CHAMPLIN, Russell Norman, Ph.D. **O Novo Testamento interpretado versículo por versículo**. 2. ed. Editora Hagnos, v. 4, 2001.
- DAKE, Finis Jennings. **Bíblia de Estudo Dake**. Editoras CPAD e Atos, 2009.
- DEVER, Mark. **A mensagem do Antigo Testamento: uma exposição teológica e homilética**. Tradução Lena ARANHA. CPAD, 2012.
- DILLARD, Raymond B.; LONGMAN III, Tremper. **Introdução ao Antigo Testamento**. Editora Vida Nova, 2005.
- FERNANDO, Ajith. **Ministério dirigido por Jesus**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2013.
- FRANCISCO, Caramuru Afonso. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio publicado no site <http://www.portalebd.org.br/>.
- HENRY, Matthew. **Comentário Bíblico – Novo Testamento**. Rio de Janeiro: CPAD, 2008.
- MOUNCE, William D. **Léxico analítico grego do Novo Testamento**. Editora Vida Nova, 2012.
- NEVES, Natalino das. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.natalinodasneves.blogspot.com.br>.
- **Novo Testamento trilingue: grego, português e inglês**. Editora Vida Nova.
- OLIVEIRA, Euclides de. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio em vídeo publicado no site <http://www.adlondrina.com.br>.
- OLIVEIRA JÚNIOR, Abimael de. **O Ministério de Evangelista**. Subsídio publicado no site <http://abimaeljr.wordpress.com>.
- PFEIFFER, Charles F.; VOS, Howard F.; REA, John. **Dicionário bíblico Wycliffe**. Trad. Degmar Ribas Júnior. 5. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2009.
- RENOVATO, Elinaldo. **Lições Bíblicas: Dons Espirituais e Ministeriais – O Ministério de Evangelista**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- RENOVATO, Elinaldo. **Dons Espirituais e Ministeriais – O Ministério de Evangelista**. Rio de Janeiro: CPAD, 2020.
- STAMPS, Donald C. **Bíblia de Estudo Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2005.